



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

25 de Setembro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1736
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradaru@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

CHAMADOS À CARIDADE

Padre João

COM a aproximação de um novo Ano Pastoral, as dioceses, as paróquias e movimentos eclesiais concentram esforços na elaboração de planos pastorais, traçando, assim, linhas de actuação. A Igreja não vive do "improvisado". Avalia, programa e propõe a Mensagem da Salvação aos homens do nosso tempo, em projectos a realizar, na perspectiva da eternidade que, em Cristo, Deus introduziu na história e que a Igreja leva por diante, como Missão.

"Continuando em Missão", assim se perspectiva o novo Ano Pastoral da Diocese do Porto. Está na linha da continuidade da "Missão 2010". Pontifica, nele, a perspectiva missionária, sempre tão cara à Igreja e com tantos e variados desafios apostólicos.

Mas a nossa atenção fixou-se na Carta pastoral do Bispo de Leiria – Fátima: «Chamados à Caridade», talvez por o seu conteúdo estar mais próximo da nossa missão dentro da Igreja ou, como o próprio Bispo relembra, quase ao terminar a sua carta, citando Santa Teresinha do Menino Jesus: «Compreendi que só o amor fazia actuar os membros da Igreja e que se o amor viesse a extinguir-se nem os Apóstolos continuariam a anunciar o Evangelho, nem os mártires a derramar o seu sangue; compreendi que o amor encerra em si todas as vocações».

É bem mais um resumo "resumido" da Carta o que nos propomos como partilha. O Bispo dedica este Ano Pastoral à Caridade e à Acção sócio-caritativa.

A Caridade, em todas as suas formas, é o modo mais belo, mais atraente e mais credível de comunicar o Evangelho... o testemunho supremo que podem dar os crentes num Deus-Amor.

A seguir, traça os rostos da pobreza no cenário do Mundo, nomeadamente ao nível sócio-económico, cultural e humano, caracterizando cada um com precisão adequada nos números e qualificação e evocando a este propósito testemunhos apropriados de Madre Teresa de Calcutá e de João Paulo II.

Para uma Caridade mais criativa, como proposta, propõe uma compreensão radicada no mistério de Deus-Amor que se torna visível e próximo nas palavras e gestos de Jesus que os Apóstolos viram e tocaram. Jesus era o amor de Deus descido à terra... amor gratuito, terno, compassivo e misericordioso de Deus aos homens; o amor do homem a Deus e do homem para com o seu semelhante. A palavra grega ágape passa a designar este "intrincado" relacionamento.

Mais adiante, convida-nos a contemplar a beleza da Caridade em três passagens do Evangelho que formam um tríptico sobre o mesmo tema. O ícone do Lava-pés (Jo.13,1-17) – texto característico de Quinta-feira Santa. Pertence ao discurso do adeus de Jesus na Última Ceia, em que Ele nos deixou o Seu testamento. O ícone do Bom Samaritano (Lc.10, 25-37) – parábola que define como uma autêntica pérola do Evangelho e que nos indica como viver no mundo e no dia-a-dia o amor que Deus derrama nos nossos corações. O ícone do Juízo Universal (Mt.25,31-46) – Esta página diz-nos que no final todos seremos julgados pelo amor manifestado nas obras de misericórdia. Cristo se identifica com aqueles que passam privações de toda a ordem, material e espiritual. Já não se pode separar Cristo dos necessitados, dos pobres. O que se faz de bem a eles é ao próprio Cristo que se faz. E conclui: 2

citando Bento XVI: «a Caridade é o distintivo do cristão... é a luz que dá bondade e beleza à existência de cada homem... é o caminho da santidade. A vida dos santos, de cada santo, é um hino à Caridade, um cântico vivo ao amor de Deus!».

E, já a modo conclusivo afirma que a Caridade é uma componente fundamental da vida e missão da Igreja. A Caridade deveria tornar-se o estilo habitual de viver da Comunidade cristã; a sua linguagem quotidiana da relação pessoal; a marca do itinerário catequético, a forma característica da relação e do exercício do ministério. A Caridade é uma linguagem universal que não precisa de intérpretes. Desde sempre a Igreja anunciou o Evangelho com gestos de Caridade. A Igreja é casa e escola de Caridade. Assim deve cultivar a espiritualidade do dom, da partilha e do serviço. A Caridade não é uma mera filantropia ou uma simples actividade de ajuda. É relação e dom de si na partilha e no serviço humilde. A força da Caridade vem do alto e por isso deve alimentar a sua chama interior na Palavra, na oração, na meditação e contemplação da vida dos santos. É prioritário o testemunho do amor fraterno. É pelo amor recíproco que são conhecidos os cristãos.

Continua na página 4

CALVÁRIO

Padre Baptista

O tear

ENTRO na sala onde algumas doentes vão transformando os novelos de lã e de algodão em peças bonitas e úteis. Este grupo está entretido com os labores que vai confeccionando e fica contente quando alguém elogia o seu trabalho.

Reparo que a um canto, muito triste e esquecido, encontra-se um velho tear. Em tempos saíam dele passadeiras e mantas encantadoras. O trama ainda está preparado para que mãos habilidosas façam sair dele algo de bom. Entretanto, é um objecto inútil.

Olhando para ele, vejo tanta gente que também nada faz de proveitoso na vida. Uns, porque não encontram trabalho; outros porque não o desejam. Muitos porque não podem, outros porque ninguém os estimula.

São tantos os jovens e adultos que desperdiçam o tempo preguiçosamente ou malbaratando-o.

E muitos idosos vivem postos de lado, quando ainda podiam dar alguma coisa de si mesmos para bem deles e da comuni-



dade: a sabedoria dos idosos é hoje ignorada.

Vem-me à mente a plêiade de artistas, de músicos, de escritores que nos deixaram o fruto sabroso do seu trabalho. Recordo os artistas que levantaram estas construções onde hoje vivemos. Gente laboriosa e interessada. E olha para tantos que gastam a vida dedicando-se à ajuda e consolo dos que precisam.

Sem sair de Casa vejo os nossos doentes sempre empenhados nas tarefas domésticas e nos afazeres tão variados

deste nosso viver. Até mesmo os doentes acamados, que aqui temos, são úteis, porque despertam a dedicação dos seus companheiros e de tantos que precisam de vir em sua ajuda e confortá-los. Eles são o pretexto que Deus envia para outros praticarem a Caridade.

No Evangelho Jesus fala do servo que não pôs os talentos a render e a quem chama de mau preguiçoso. E tanta gente com talento que o não põe a render!

O velho tear continua parado e inútil, mas inocente. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A situação nos últimos anos vivida, de aliciamento ao consumo através do crédito bancário, está a redundar em grandes aflições para muitas famílias. Perante as que nos procuram a pedir ajuda para não perderem os bens que adquiriram, deixam-nos preocupados aquelas que estão em risco de perderem a sua habitação que adquiriram ou melhoraram com tanta esperança no futuro, e que os males resultantes da desorganização da sociedade actual, os deixam num beco sem saída.

Normalmente é a perda do emprego que as impede de cumprir o compromisso de pagarem a sua prestação bancária. Inicialmente recorrem a familiares e a amigos em busca de ajuda e, quando a situação fica afitiva, vêm bater à nossa porta.

Foi o caso de uma mãe com quatro filhos a seu cargo, que pedira empréstimo ao banco com o que aumentou e melhorou a sua casa. Ficando o marido desempregado e com certo grau

de invalidez para o trabalho, ele que era o ganha-pão da família, deixaram de ter rendimentos para cumprir o compromisso bancário. Sucederam-se as ajudas dos mais próximos para cobrir essa despesa e de parte das despesas correntes. Esgotadas estas ajudas, e já com quatro meses de atraso no banco, vieram no último dia em que, caso não pagassem, teriam um processo judicial de liquidação. Restamos nós como última tábua de salvação.

Prometi que nesse mesmo dia iria ao banco cobrir a dívida. Tinha já a garantia do pároco confirmando a veracidade do caso. Logo aquela mãe disse que prestaria trabalhos na nossa Casa para pagar a ajuda que lhe dávamos, agora já aliviada e feliz. Encaminhando-a para os não poucos trabalhos que a sua vida lhe traz, fui cumprir a promessa, confiante na retaguarda que nos impele a avançar.

Nós não fazemos contas, contabilisticamente falando, mas

vou ficando com a sensação de que a nossa coluna do Deve está a engrossar, enquanto que a do Haver, talvez pelas dificuldades do momento actual ou por algum medo do futuro, vai emagrecendo.

Uma outra mãe com dois filhos próprios e mais dois que acolheu há uns anos e que eram de outra que os abandonou, ficando com o marido sem receber o ordenado, veio até nós com eles e com as credenciais das dívidas em que esta situação os colocou. O cão que ladrava, como diria Pai Américo, não lhes dava descanso mas calou-se com a nossa entrada que, se não somos capazes de fazer justiça, ao menos remediemos e acalmamos as aflições de muitos. É que a justiça devia ser feita por uma sociedade bem organizada, mas enquanto tal não acontece vamos nós fazendo esta medicina caseira com os remédios que pões na nossa mão e que curam muitas maleitas, dando esperança de vida aos Pobres. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

HOMENS ISOLADOS — O senhor de que vos falamos na quinzena passada recolheu a casa dos pais onde já tem passado algumas temporadas depois do divórcio, quando sente que o apoio deles é mais necessário. Desta vez os pais têm-no acompanhado a consultas médicas cujos resultados, infelizmente, são pouco animadores quanto aos males que o álcool já fez ao seu corpo. Com a ida para casa dos pais será agora também para eles que irá o apoio que pudermos dar a este caso.

Além desta situação, nos últimos tempos houve desenvolvimentos, para pior, no caso de três irmãos solteiros, mais velhos que a pessoa atrás referida, que vivem juntos, mas que também não sabem cuidar de si próprios e uns dos outros. Um deles tem estado hospitalizado, mas o hospital não o pode ter lá mais tempo. Algumas irmãs têm dado alguma ajuda, mas não chega. Vamos providenciar para que tenham o apoio domiciliário necessário, mas as respostas sociais disponíveis nas redondezas nesta matéria são insuficientes.

Além destes, há mais casos que nos chegaram nos últimos tempos de homens que vivem em situação de isolados e que não conseguem, ou não querem orientar a sua vida com dignidade. Nestas situações, no entanto, vamos procurar moderar o nosso apoio possível no sentido de que estas pessoas não fiquem à espera que seja a Conferência Vicentina a fazer aquilo que nos parece que elas ainda podem e devem fazer por si próprias

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Filhos neste tempo

OUTRO ano escolar arrancou, com alguma efervescência, pelos confrontos e encontros. As nossas crianças e adolescentes são o centro nevrálgico das atenções e preocupações, de forma redobrada nestes dias.

O Rocha, com 5 anos, teve de deixar a nossa Casa, neste ano lectivo, para frequentar o 1.º ano noutra Escola Básica, na Vila. Não deve ir a pé sozinho e não tem transporte escolar. No dia seguinte à abertura das aulas, perdido na saída, enquanto o esperávamos e procurávamos na entrada, escapuliu-se na mole infantil. Acontece que temos, ainda, uma Escola pública dentro de portas...

Já fecharam centenas de Escolas por esse País fora. Este sinal negativo do tempo que nos é dado viver, tem sido motivo de debate nacional e sugere a destrinça de causas próximas que clarifiquem alguma lamentação.

As grandes medidas, por vezes, não têm em consideração os micro-espacos e os territórios de baixa densidade. Sem Centros de Ensino e de Saúde, o êxodo rural tem continuado. Desde os anos 50 que a emigração acelerou o despovoamento. Até as manchas florestais ficam à mercê de predadores. Daqui por uma década, a desertificação do interior será maior. Foi pena terem deixado cair a rede ferroviária.

Na verdade, encontram-se alguns motivos decisivos na descida da taxa de natalidade e na centralização do acesso à instrução e aos cuidados de saúde com critérios estritamente economicistas. As migrações internas também vão pesando. Entretanto, nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto tem havido um aumento da população. Algumas pequenas povoações têm sido sugadas por núcleos urbanos.

Outrora, as crianças eram os donos das ruas, até como espaço criativo para as brincadeiras. Com o cenário das crises, há casais que têm medo de ser pais. No mundo ocidental, fez mossa uma certa pedofobia e espalhou-se a alergia em constituir família. A propaganda anti-natalista tem deformado mentes incautas e levado a considerar as crianças como objectos de adorno, qual desejo num quarto carregado de ursinhos de peluche.

Nas Escolas Básicas era bom que não se deixasse uma trilogia essencial na aprendizagem: ler, escrever e contar. As novas tecnologias, como os telemóveis e a internet, podem ser maravilhosas com critérios racionais. Todavia, os mais novos revelam, cada vez mais, sinais de ansiedade e necessidade de diálogo. Constatámos isto mesmo na privação ocasional de televisão, até para os encontros comunitários. Os garotos precisam muito de falar e também de se entrosarem uns com os outros. Agarrados ao ecrã, às vezes, não nos ouvem nem se escutam a si próprios. Em muitas ocasiões, os nossos filhos demandam o átrio da nossa Casa em busca de bolas, quando afinal também é um pretexto para os reencontros, na lufa-lufa do quotidiano.

Os filhos deste tempo anseiam muito ser ouvidos, mesmo na sua revolta. Desde a concepção, não devem ser um projecto à nossa medida. Nascerem como dom inestimável e dependentes dos outros e do Outro. São únicos e em construção permanente, de quem a sociedade não deve ter medo que venham à luz do dia.

O Senhor da Vida compadeceu-se tanto da viúva de Naim que lhe disse: Não chores. O seu filho levantou-se e começou a falar!

Os nossos filhos são d'Aquele que é. Compete aos pais colaborar nesta missão sublime de os ajudar a descobrir, no barro de onde somos tirados, o tesouro da felicidade! □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — No passado dia 4 de Setembro, demos início à nova temporada desportiva da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com o primeiro treino. Depois de umas merecidas férias, quase todos se apresentaram frescos e cheios de genica, para mais uma época que, tem como objectivo, marcar uma geração.

«Não há quase nenhum outro acontecimento na terra que tenha semelhante repercussão» — reconhece o Santo Padre. Ele é bem claro: «Como jogo de equipa, o futebol obriga à integração do próprio indivíduo dentro do conjunto; une através de uma percepção comum: o êxito e o fracasso de cada um estão

interligados ao êxito ou ao fracasso do conjunto». E acrescenta: «O futebol proporciona um confronto da equipa e o que dá interesse ao jogo está presente numa e na outra equipa, ainda que na posição de adversários». Conclui assim: «...a liberdade vive da regra, da disciplina que proporciona o actuar de conjunto e o confronto leal, o ser independente de factores externos e da arbitrariedade...». Pela experiência que vamos tendo, o futebol, cá em Casa, constitui uma excelente pedagogia. «O futebol é para aqueles rapazes, tirados da rua, uma espécie de sudouro psicorgânico...» — palavras de um médico há uns anos atrás.

Assim sendo, o Grupo Desportivo desta Casa vai tentar fazer mais uma época, dentro dos valores referidos, sem se deixar confundir com jogadas que não sejam feitas dentro das quatro linhas. Continuaremos a dar notícias ao longo da mesma, já que os Rapazes gostam de ver nas colunas do Famoso, os relatos das habilidades feitas por eles aos fins-de-semana. Pela nossa parte, tudo faremos para que eles se sintam bem... partindo do princípio, que todos vão dar o seu melhor, para que todos juntos, façamos um Grupo coeso, unido e inteligente. A Paz, a justiça e a harmonia, terá que ser sempre o primeiro resultado a obter. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ESCOLA DO 1.º CICLO — A nossa Escola Básica da Casa do Gaiato ainda teve licença de funcionar, do 2.º ao 4.º ano. Mantém-se aberta à comunidade envolvente. O 1.º ano não pôde funcionar. O ano lectivo teve início a 13 de Setembro. Da nossa Casa, frequentam 11 Rapazes: Amadú, Betinho, Diogo Madeira, Evguénio, João Madeira, Joel e Luís Miguel (2.º ano); Aiyune, Arménio e Fábio (3.º ano); Flávio e Paulo Cabissandin (4.º ano). Era bom que se portassem bem e se aplicassem ao verbo.

CAPELA — Sendo obrigatório e bem preciso, colocou-se um sistema de detecção de incêndios na nossa Capela. O custo da sua instalação ainda foi um bocado de despesa.

SALÃO DE FESTAS — Foi necessário dar um pequeno arranjo ao nosso salão de festas. Assim, pintaram-se as paredes exteriores, voltadas para o largo, e dois portões. Pôs-se uma porta atrás do palco e fez-se uma limpeza melhor. A propósito, tivemos de comprar uma máquina de jacto para limpezas.

AGRO-PECUÁRIA — As temperaturas ainda se têm mantido altas, embora já se vá anunciando o Outono.

Têm caído muitas folhas das árvores de folha caduca, o que tem obrigado os pequenos e médios a varrer, todos os dias. Continuou-se a arranjar os jardins, pois as ervas daninhas propagam-se muito e abafam a relva.

A palha da milharada foi apanhada nos campos e armazenada na vacaria. Foram comprados mais dois leitões para a nossa pocilga. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

Manuel Fernandes

O NOSSO ENCONTRO — Os nossos convívios são dois dias diferentes; estamos todos mais juntinhos, como uma imensa linha de família onde o calor humano se destaca.

O encontro deste ano, realizou-se nos dias 4 e 5 de Setembro, na casa de praia do Portinho da Arrábida, em Setúbal, e contou com a presença de antigos gaiatos das três Casas do Gaiato de África, foram muitos os familiares presentes.

Padre Telmo, na Celebração da

Eucaristia, depois de lembrar o falecimento do nosso Fernando Dias, realçou a importância dos nossos encontros e também avivou para o nosso encontro com Jesus Cristo.

Tivemos a surpresa da presença da esposa do Melo (antigo gaiato de Benguela) já falecido. A sua presença foi uma inspiração para continuarmos os nossos convívios.

O João Mourato entusiasmou com a viola e sua linda voz, conseguiu que a Felismina abrisse a dança, após

o jantar. Foi lindo.

O nosso agradecimento ao Padre Acílio por nos ter cedido as instalações. Para a D. Conceição, o nosso muito obrigado por, mais uma vez, nos ter aturado.

O «Falcão» e Quim cumpriram, e bem, a responsabilidade da organização do encontro.

O próximo convívio, em princípio, será na casa de praia de Azurara e terá como responsáveis o Nelo e o Jorge Alvor, «Eusébio». □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Envio cheque para a assinatura do 'Famoso', o pequenino grande jornal que leio com devoção e que, há mais de 50 anos, tem inspirado a minha vida espiritual e o caminho para a prática do amor e caridade para com os que mais necessitam. A doutrina do Padre Américo, tocou-me profundamente. Devo-lhe muito do que sou.

Assinante 17478»

«(...) Vão também os meus agradecimentos por tudo o que o Jornal me transmite: uma chamada à realidade, um interesse pelos que nos rodeiam e, ainda, por fazerem um trabalho tão meritório em tantas áreas. Que Deus vos abençoe, a vós e ao vosso trabalho.

Assinante 60136»

«É com enorme prazer que envio esta pequena contribuição

para a vossa maravilhosa Obra, de em cada rapaz fazerem um Homem.

Agradeço igualmente as vossas palavras cheias de sabedoria, os momentos de reflexão e oração que me chegam através d'O GAIATO. Obrigado por tudo.

Assinante 64423»

«As minhas saudações amigas. Neste tempo em que a Ideia de Deus e de Seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, anda, pelo menos, muito nublada, julgo que O GAIATO é o melhor meio para avivar a Fé e Acreditar na Sua Mensagem: 'Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.'»

Venho, pois, enviar a inscrição de assinatura para os meus cinco filhos (três filhas e dois filhos), para que o Famoso seja para eles todos uma luz que ilumine e guie as suas almas e vidas.

Junto cheque que dará para o papel, não é o que quero, é o que posso.

Convosco nas muitas preocupações, incompreensões que magoam fundo, trabalhos sem conta; envio cumprimentos amigos e de admiração.

Assinante 33205»

«Chegou a hora da minha reforma e, por isso, pensei em partilhar com os que precisam. Boa saúde e amor sem medida é o que vos desejo.

Assinante 9893»

«Para a assinatura d'O GAIATO, onde as vossas mensagens nos fazem acreditar que no mundo ainda há Amor...»

Que Deus, na Sua Infinita Bondade, suscite muitos corações generosos que possam contribuir



MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

O nosso Cândido vai nos sete meses. Cresce a olhos vistos. Já se agarra à barra do berço, balançando o corpo. Papagueia bem disposto, e responde a todos os estímulos que lhe fazemos. É maravilhoso ver crescer uma criança tão parecida com a mãe! No olhar e no rosto é como se nos ficasse um retrato dela, que a doença e a inaptidão dos médicos, deixaram morrer num parto. Estando o filho em nossa Casa, desde que chegou do Hospital, raramente o visita. Já tinham dois meninos e um menina. Quiseram adoptar mais outra menina. Um desejo da mãe que bem zelava pelos filhos. Depois veio o Cândido e tivemos de arrumar a todos. Não é que o pai que, conhecemos desde a chegada à Massaca, seja um incapaz. Mas nunca teve um trabalho a que se agarrasse. Falta-lhe vontade e responsabilidade.

Temos ainda outro, já com nove meses, que mal chegado aqui, levámos ao Hospital e por lá está até hoje. Complicações da saúde tão frágil, que se não fossem os cuidados e a presença diária de um senhora que fica à beira dele, já não existiria também. Quando teve alta, com uma receita médica apressada, pois que um remédio nem existia nas farmácias e o leite

tinha acabado no Hospital, no dia seguinte a febre subiu logo aos 40 graus. Afinal a médica chefe não tinha autorizado a saída e teve de ser novamente internado. Agora já saiu, mas com revisões frequentes. Por isso ainda não chegou aqui. A saúde não estabilizou e é preciso ter à mão o socorro urgente.

Ao descrever isto, penso no que acontecerá por este Moçambique fora. Não admira que morram diariamente mil setecentas e cinquenta e uma crianças com menos de cinco anos. E o que não chega aos responsáveis da recolha de dados que só existe nos Postos! Em tantos Distritos, só há um técnico de saúde, um enfermeiro e uma parteira. Este ano o Ministério já vai mandar uma grupo de médicos, recém-formados, para o que vulgarmente se chama o mato. Talvez nem casa tenham, nem salário nos primeiros meses e o Posto se não foi restaurado, deixa muito a desejar. Sei de um construtor que está a fazer quase uma dezena deles novos. Mas também sei de um Posto que, antes de ser inaugurado, rebentou por todos os lados. Até em Escolas novas, os alunos correm o perigo de que lhes caiam em cima, de tão mal construídas. É um começo titube-

ante, mas empenho já existe em fazer chegar às povoações mais distantes o amparo na doença. Continua sendo a malária a mais mortífera e depois a sida, a hepatite e a fome, que mais vidas ceifam.

Grande, diria mesmo, empolgante empenho há nas novas tecnologias, parcerias, grandes investimentos em mega-projectos, via bancária, no ouro negro seja carvão ou petróleo, que dão para acumular dinheiro e estão a cavar um fosso muito grande, entre a maioria do Povo sem subsistência digna e uma minoria poderosa. Não é que por essa África fora não haja pior e talvez ainda mais, noutras partes do mundo, onde se imolam, para tirar da vida inocentes crianças, jovens e adultos que nada entendem de políticas.

Mas este é o meu mundo. Aquele onde vivo e onde a Obra da Rua faz mesmo o que pode. Senhor da Vida, que a morte dos inocentes, perante Vós, seja mérito para a Salvação dos que ficam vivos, para continuar o mistério do sofrimento que o Vosso Filho santificou. Mas que todos tenham Vida e o humilde seja liberto para construir um mundo de paz, justiça e amor! □

MALANJE

Padre Rafael

É sexta-feira de tarde, saí com o camião a buscar troncos, porque o Miguelito perdeu a sua carta de condução e o Fredy tinha organizado um passeio, com os da sua classe, a uma província perto de Malanje. Como não conseguiram transporte, foram a casa do tio Nando, nosso condutor de mini-autocarro, a pedir-lhe as chaves para ir na excursão. O problema é que eu não tinha autorizado e, mais, o veículo para além de não ter roda suplente, não está em condições de fazer percursos muito longos.

A viagem não lhe podia ter corrido pior e o mini-autocarro avariou. Na segunda-feira de manhã, aparece muito cedo e como tinha uma chave de reserva do carro, leva-o sem pedir. Eu não sabia de nada. Quando o tio Nando chegou, pergunto-lhe pelo carro. Dá para imaginar a confusão que se gerava.

Pelas oito horas da noite, aparece o carro a rebocar o mini-

autocarro, foram mais de 130 quilómetros. Nessa mesma noite carregou os colchões do Fredy, do Inácio e do Simão e levo-os para a Carianga, de castigo, à espera de uma decisão.

Obviamente no dia seguinte fizemos novas eleições para chefe-maioral de nossa Casa e combinamos qual o castigo a dar aos «três mosqueteiros».

A decisão foi drástica. Ficam na Carianga até ao fim do ano e têm de se arranjar para continuarem com os seus estudos. A reacção dos três era de se esperar, mas por fim aceitaram e têm agora cinco meses para pensar — e muito.

Agora o chefe-maioral é o Hernâni e ao seu lado: Manuel, «Dalas», Mingo, Paulo, Filipe e «Boy-mau», este último uma surpresa. Só esperamos que não termine como o «João pequeno».

Estamos em época de exames e a meio do curso. São dias deles se concentrarem muito nos estudos. A verdade é que durante a hora de

estudo, que é das seis e meia até às sete e meia, não se ouve uma mosca e eu aproveito para escrever esta circular.

Justiça é para todos e, como em nossa Casa, deve acontecer em qualquer sociedade. Os governantes, quando cometem um abuso de poder, também devem ser julgados e pagar as suas culpas como qualquer cidadão comum. Mas a verdade é que nós estamos cansados de ver tanto abuso de poder em todas as instituições no mundo. Basta lembrarmo-nos do que Jesus disse sobre os governantes do mundo: «Vós não sejais assim». Claro que o disse porque também a nossa Igreja pode cair nessa tentação.

Oxalá a nossa Obra da Rua nunca perca este espírito de família aconchegadora que põe no centro aquele que sofre e o serve com tudo o que pode e tem. Esta semana entraram dois irmãos do Luís, o pai faleceu de cirrose, por causa do álcool. □

para que seja possível a vossa ajuda.

Assinante 62899

«Agradeço as vossas orações pela minha família, que neste momento atravessa uma fase muito difícil, devido a problemas de saúde, principalmente o meu marido que sofre de uma doença grave, crónica e incurável.

Também uma netinha deficiente com uma doença rara e a minha mãe com idade muito avançada... No entanto, Deus tem-me dado

coragem para aguentar tanto sofrimento e tenho fé que ele tudo fará pelo melhor. Obrigado pelo bem que fazem aos Outros.

Assinante 58007

«Não posso deixar de agradecer, a todos os que colaboram com a Obra do Padre Américo, todo o trabalho que prestam à sociedade.

Desde a sua fundação, tantos foram os ajudados — e a sociedade não reconhece o trabalho de educação dos tempos actuais...

Bem-hajam e que Deus vos continue a ajudar e que nunca sintam o desânimo por esta nobre causa de servir o que mais precisam.

Assinante 62393

«O GAIATO, quis o Senhor que o conhecesse desde há meio século, é, para mim, um marco e um meio de partilhar amizade e algo do que posso dispor convosco. Todo o conteúdo do Jornal e da vossa vida, é um apostolado e verdadeiro Evangelho vivo.

Assinante 21374

BENGUELA

Padre Manuel António



Realidades consoladoras

A CABEI de sair duma das empresas do nosso Gabriel. É um industrial de hotelaria e turismo. Criado, desde pequenino, na nossa Casa do Gaiato de Benguela, tem, agora, 56 anos de idade. Ocupa o lugar de presidente da Associação desse ramo de actividade. O seu amor para com a Casa que o criou mantém-se muito vivo. Nas horas mais duras da nossa vida diária, buscamos também alívio e coragem na lembrança destes frutos preciosíssimos que são abundantes. Passei pelo restaurante que dá pelo nome de “Escondidinho”, embora muito conhecido e frequentado, para saber se havia lugar para a nossa cebola e batata. É a hora do escoamento destes produtos do nosso trabalho agrícola. São migalhas que nos ajudam a matar a fome às dezenas de famílias, cujas vidas estão ligadas à terra e à Casa do Gaiato. Quem nos dera ter possibilidades duma boa organização no serviço da agricultura! Falta-nos, antes de mais, o elemento humano com cabeça sábia e coração dedicado. Esperamos!

Ao começar a escrever estas notas, abri uma carta vinda pelo correio. É de Febres, Portugal. Vem ao nosso encontro e fala assim: «Sou assinante do Famoso e vi a sua inquietação no último jornal. Venho, por isso, dar-lhe um pouquinho de alento, no meio de tantas necessidades. Aqui vai a minha ajuda. Lembre-se de mim e minha esposa no Altar, por favor, e é o bastante». Trazia um cheque de mil dólares. Foi acolhido de coração alegre e agradecido. São tesouros escondidos aos quais se dá o verdadeiro valor, quando oferecidos por amor. As pessoas que nos visitam e querem saber o segredo do nosso caminhar, de coração erguido e cabeça levantada, têm a resposta na generosidade do povo de Portugal. Quem dera não se apague esta chama! É preciso, contudo, ir mais longe. No horizonte da nossa vida vemos necessidades à espera da ajuda que tarda em chegar, embora prometida.

Recomeçaram as aulas do terceiro e último trimestre. A palavra estimulante e o acompanhamento tornam-se cada vez mais necessários para o bom resultado. Alguns professores novos vieram ocupar lugares que ficaram vagos. O nosso primeiro encontro com eles foi aproveitado para uma tomada de consciência, cada vez mais profunda, do lugar do professor na história das crianças, adolescentes e jovens. É necessário muito amor verdadeiro para levar, por diante, missão tão nobre. É verdade que só um coração de pai e de mãe é capaz de gerar laços de amor entre os alunos e os professores. Deste modo, o trabalho de base da família é assumido e continuado pela escola. E, no ambiente em que nos situamos, a escola, muitas vezes, tem que fazer tudo o que a família de sangue não faz. A degradação familiar também atinge níveis desoladores. Daí, o papel da escola está na base do crescimento humano da criança, desde a raiz. Tenho esperança de ter um professor, criado e a viver em nossa Casa, a trabalhar na escola, muito em breve. É um sonho que se faz realidade consoladora. Vamos continuar a trabalhar, de mãos dadas convosco, que estais longe e tão perto com a vossa ajuda. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A canonização do povo não leva à glória dos altares, sim, mas é relâmpago inspirado; a voz dele é a voz de Deus. Se Jesus de Nazaré fosse de canonizar, tê-lo-ia sido pelo povo no «bendito seja o ventre que te trouxe mais os peitos que te amamentaram». Abnegação, generosidade, tino, nome, palavra — brilhantes por lapidar dentro da alma do povo. □

Vida em Família

O prognóstico aqui deixado quinzenas atrás tem-se cumprido: quase todos os fins-de-semana deste Verão têm sido marcados por encontros de Família, nossa ou ligadas por afectos profundos.

Desde os noventa anos da sogra do «Quim carpinteiro» celebrados na nossa Capela e em casa dele e da Elisa, com os filhos e netos ao seu redor, alguns dos quais também nossos; até à tradicional reunião do primeiro sábado de Setembro na Casa da Quintela, aqui próxima, que junta os descendentes de dez casais de irmãs e seus maridos, a maior parte felizmente ainda vivos, em que há sobrinhos diretos e sobrinhos netos e bisnetos de Pai Américo que bem desejavam a sua presença e se remediavam com a nossa em representação dele. Momentos belos e saborosos que nos dão a experiência de como «a Família é verdade»! Que o diga também o nosso Padre Manuel Mendes que alguns anos foi o dito representante na Missa e no convívio à sombra de árvores antigas que se lhe segue pela tarde em fora.

Desta vez interrompemos o convívio para o Baptismo na Igreja de Aldoar de um neto do Rufino que, com o seu irmãozito mais velho, constituem o melhor remédio para o avô, mortificado por várias doenças graves que desde há muito anos o consomem; e que a avó Margarida Celeste (ela própria com razoável saúde, graças a Deus) — sempre com coragem e paciência de santa Mulher — sempre a sorrir, de voz suave e meiga, como se a sua vida fosse fácil!

No dia seguinte, Domingo, 5 de Setembro, em Salreu, foi o casamento do Martinho Armando, que tem exactamente o nome do pai. Este casou em Paço de Sousa há 32 anos e foi acontecimento mediático. Na véspera a TV tinha lá ido fazer uma reportagem; e sabendo da ocorrência ao dia seguinte — quis e pediu para voltar, a colher imagens. De modo que Martinho e a sua Lourdes foram notícia no telejornal desses dias. Que bom! Notícia simples, mas boa e feliz, nos écrans que sempre são cheios de males e desgraças, como se no mundo não houvesse todos os dias algo de Bem a relatar!

Martinho era e é um apaixonado pela natureza. Madrugador, não esperava que a sineta tocasse para se levantar. A nossa mata não tinha para ele recato desconhecido. Coelho e lebres que o dissessem, se fossem capazes de o dizer! Até raposas, não sei



quantas ele apanhou durante os seus anos em Paço de Sousa... Hoje é um soldador de «alta fidelidade», frequentemente chamado a estaleiros onde as peças serão testadas por radiografia. Trabalhador incansável (e sua mulher é igualzinha a ele neste ponto), em que tantas vezes tenho de chamar a atenção da maioria dos rapazes para o trabalho e suas exigências, a eles, quase sempre que nos encontramos, ralho por excesso de afã nas suas vidas.

O Martinho-filho não herdará nenhuma fortuna dos seus pais; mas creio que deste património de independência, de liberdade, de alegria de viver, de que seus pais são detentores, também ele já faz parte. E pelo que sei, a sua Karina vem de semelhante escola familiar. Que cresçam eles mesmos e continuem tal escola.

E que suficiente e feliz seria a Pátria com uns centos de milhar de cidadãos desta espécie, exemplificando aos poderes como se governa!

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A pobreza em Setúbal, é comparável a um temporal que se abateu sobre a cidade, sem vermos o seu fim. Muito superior à que se viveu na década de oitenta, então, superada pelas ajudas da CEE, pelo desenvolvimento da construção civil e pelas perseverantes queixas do Bispo, alertando as autoridades centrais.

Hoje, vive-se um silêncio triste e, por isso, assustador.

Pouca gente se apercebe da penúria e das amarguras do pobre e, muito menos ainda, responde com a sensibilidade correspondente às suas posses. Parece que lhe basta, para tapar tão incurável ferida, a propaganda partidária, exposta nos lugares mais visíveis, em grandes lustrosos cartazes.

A cidade é grande, mas as fontes de bens não correspondem ao seu tamanho e, muito menos, à vasta pobreza e à profunda miséria que aqui se acoitou.

As desculpas para tão arrepiante alheamento variam: — *Que eles — os pobres — trabalhem! Não se atenham somente ao rendimento mínimo, agora reduzido, que o Estado lhes dá. Que poupem. Que não se juntem em jantaradas e grandes festas, não comprem carros de luxo, etc, etc!*... Como se fossem todos assim. Se há uma ou

outra família que poderia ter procedido deste modo, há, de certeza absoluta, nestas acusações um grosseiro erro de lógica, o qual parte do particular para o universal. Se um é, todos são!

Assim, tratamos da nossa vidinha, damos os nossos passeios, gozamos as nossas férias e vivemos de consciência tranquila, como se a pobreza ou mesmo a miséria, tivessem culpa da sua própria indignidade: — *isso não é conosco, é com eles e com o Estado.* E quantos não fazem como o sacerdote e o levita da parábola do samaritano: *Não se aproximam, para não verem. Olham ao longe, em visão distorcida e conveniente, à sua própria instalação.*

Aquilo que chamam rendimento, não é. Eles, não têm bens nenhuns a render. Aquilo, é apenas um benefício social que devia ser muito mais vantajado e correspondente, em casos de saúde a um trabalho obrigatório. É que muitas famílias, não possuem sequer, hábitos de trabalho e de disciplina. Deitam-se a qualquer hora e levantam-se quando lhes apetece. Benefício social sim, não rendimento, sujeito sempre à obrigação de trabalhar se a saúde permitir. Ocupação proposta e vigiada pela autoridade que o proage.

Como me entristece, passar às onze, ao meio-dia, observar magotes e magotes de homens saudáveis e novos em amena cavaqueira, à sombra dos prédios, ou mesmo nas esplanadas de café.

Então, esta gente, não tem família a sustentar! Não suportam encargos caseiros?!

Pessoas que não foram educadas a trabalhar, e assim, fazem da sua vida e da dos seus filhos, uma escola de inércia e vícios! Aqui a política tem muita culpa! É evidente. Não põe em prática, com estes, o seu dever de construir cidadãos à altura, por o tempo actual. É difícil sim, mas não impossível. Não fazem, somente por não se quererem incomodar.

É mais fácil fazer de conta, fechar os olhos, dar o benefício social para acalmar ânimos, fazendo jogo psicológico para evitar agitação e ganhar votos.

Não basta entreter-lhes a bargina a eles e aos filhos, é urgente formar-lhes o espírito.

Sem trabalho não há verdade nem justiça nem honradez. O trabalho é a base. Sem ele tudo é falso.

Lei natural que, como tantas outras não é respeitada pela cultura actual denominada, hipocritamente, de evoluída.

UM MENINO DA GUINÉ

Padre Telmo

ANDO preocupado no arranjo dum contentor com alimentação para os nossos 130 gaiatos de Malanje. Nos últimos meses escasseou o leite e o feijão. Os nossos «Batatinhas» (que felizmente ainda temos) são autênticas betoneiras. Pasmavam-se se vissem as pratadas de funje com que eles se batem! Padre Rafael e eu deliciamo-nos a vê-los comer.

Que pena me faz ver as nossas Casas de Portugal sem «Batatinhas»... Esperemos que os Serviços Sociais sejam esclarecidos.

Adiante. Vamos ao contentor: leite, feijão que vamos comprar em embalagens próprias... Se puderes manda uma migalha para Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa, para o saquito do dito.

Alguns dizem — África é rica... Mas os nossos «Batatinhas» não. Somos nós a sua família. Também temos falta de roupa para eles — dos 3 aos 9 anos.

* * *

Chegou hoje à nossa Casa de Paço de Sousa um menino da Guiné. Todos nós o acolhemos com um sorriso largo. A entrada de um menino ficou um acontecimento raro. Chama-se Junior e tem 6 anos. Padre Júlio sentou-o a seu lado e serviu-o. A simplicidade com que pegou no garfo! A delicadeza ao comer!

Pensei na multidão de crianças em toda a África. Em suas casas sentam no chão e comem o funje com seus dedinhos de ouro.

Noto que em Portugal o maior problema é a falta de crianças. Para quem as auto-estradas, escolas, estruturas várias, se num futuro próximo não haverá pessoas? Homem e homem, mulher e mulher não dão filhos, ventres queimados também não! — Sodoma e Gamorra...

* * *

No noticiário do dia — somente os crimes, roubos, incêndios, acidentes, destroços e vítimas das cheias.

O mar engoliu uma menina. Uma jovem mergulhou para a salvar e ficou também!

Devia ser o gesto destes jovens a coroa e as flores do noticiário... não foi. Logo a seguir um milionário matou a amante! Lindo remate e gosto da nossa televisão... Que ela nos mostre também os sinais positivos e nos ensine a saboreá-los. Somente mal, não. Há em cada dia tantos sinais de Deus... E — todos nós — temos fome d'Ele. □

Tenho sido esmagado diariamente com aflições. Um dia da semana passada, vieram sete mulheres cada uma com as suas dores. Elas é que dão a cara, as lágrimas e carregam o peso. Os homens, poucos e muito raramente as acompanham. Rendas de casa de dois, três, quatro até oito meses. É uma aflição com o senhorio ameaçar o despejo.
580.00 € + 400.00€ + 406.34€ + 3.027,70€ + 450.00€ + 1.356,93€ + 600.00€ + 500.00€ + 500.00€ + 500.00€ + 1.400.00€

+ 1.050,00€ + 600.00€ + 1.200.00€ + 1.403.00€ de água + duas multas de 423.00€ e 1.227.00€ respectivamente. Mais rendas de casa 1227,80€ + 2.000,00€ + 1.849,81€ + luz 126,80€. Foram estas as dívidas da última quinzena. Não contamos os avios que continuamente pomos nas mãos famintas das mães, das avós e das filhas. Cada uma destas ajudas têm atrás de si, uma história pungente, que se torna ainda mais aguda, quando não se vislumbram, hipóteses de trabalho. □

CHAMADOS À CARIDADE

Padre João

Continuação da página 1

Nas comunidades, convencem as relações sinceras, acolhedoras, pacientes, reconciliadoras. A Igreja não nasceu como uma empresa, mas sim como família; o que conta não são os balanços mas a qualidade das relações.

O testemunho de proximidade com os mais vulneráveis e como opção preferencial está no âmago da Caridade: doentes, idosos, sós, deficientes, vítimas da crise económica, os sem abrigo, os migrantes, os ciganos, as vítimas de violência doméstica e de dependência da droga e do álcool.

A Caridade deve fazer parte da iniciação cristã; uma componente indispensável de Catequese para as crianças e adolescentes em que aprendam a capacidade de doação, de partilha e de serviço.

A Eucaristia é a celebração, por excelência, do Sacramento da Caridade. Dela brota a dimensão missionária da fé; dela deverá florescer a pastoral vocacional e a promoção do voluntariado, como escola de vida e de fraternidade, no acolhimento ao outro.

A família é a primeira escola da Caridade. A Caridade, o amor gratuito, oblativo e generoso é o que torna mais bela a família. □